

O papiamentu e o kabuverdianu: possíveis aproximações

(Papiamentu and Cape Verdean Creole: possible approximations)

Shirley Freitas¹, Manuele Bandeira², Gabriel Antunes de Araujo³

^{1,2,3}Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

shirleyfreitas@usp.br, manuelebandeira@usp.br, g.antunes@usp.br

Abstract: This study compares Papiamentu and Cape Verdean Creole words in order to (i) observe if there are similarities and (ii) verify which aspects the two languages differ. Corpus for this research is formed by Freitas (2012) for Papiamentu (PAP) and by Bruser et al. (2002) for Cape Verdean Creole. The analysis shows that, indeed, the two languages share lexical and functional items, such as **chukulati** (PAP) e **xukuláti** (CV) ‘chocolate’; **aínda/eínda/índa** (PAP) e **ainda/inda** (CV) ‘still’. In words whose etymon is Portuguese, the differences between the languages are usually systematic, due to varied patterns. On the whole, the Papiamentu and Cape Verdean Creole vocabulary, especially functional, is really similar (which favors a common origin) and the Cape Verdean Creole is closer to Portuguese than Papiamentu, which has influences from other languages, like Spanish.

Keywords: Papiamentu; Cape Verdean Creole; Lexical and functional similarities; Common origin.

Resumo: Este estudo comparou vocábulos do papiamentu e do kabuverdianu a fim de (i) observar se existem similaridades e (ii) verificar em que aspectos as duas línguas diferem. O corpus deste trabalho foi formado por Freitas (2012) para o papiamentu (PAP) e por Brüser et al. (2002) para o kabuverdianu (CV). Com a análise, constatou-se que, de fato, as duas línguas compartilham itens lexicais e funcionais, como **chukulati** (PAP) e **xukuláti** (CV) ‘chocolate’; **aínda/eínda/índa** (PAP) e **ainda/inda** (CV) ‘ainda’. Nas palavras de étimo português, as diferenças entre as duas línguas em geral são sistemáticas, devido a padrões diversos. Em suma, percebeu-se que o vocabulário, sobretudo funcional, das duas línguas é realmente semelhante (o que favorece uma origem comum), com o kabuverdianu se aproximando mais do português do que o papiamentu, que possui influências de outras línguas, como o espanhol.

Palavras-chave: Papiamentu; Kabuverdianu; Similaridades lexicais e funcionais; Origem comum.

Introdução

O papiamentu é uma língua crioula de base ibérica (portuguesa e espanhola) falada na região caribenha (nas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao (ilhas ABC), Saba, Santo Eustáquio e São Martinho) e na Holanda. Este estudo detém-se no papiamentu falado em Curaçao não apenas porque essa ilha concentra 3/4 de seus falantes, em torno de 150 mil pessoas (CBS, 2012), mas também pelo fato de a variedade falada nela ser considerada como aquela que deu origem às variantes faladas nas demais regiões.

Quanto à origem do papiamentu, ainda hoje existe divergência, havendo diversas hipóteses que buscam explicar o surgimento da língua. Uma das hipóteses aponta para as similaridades existentes entre o kabuverdianu e o papiamentu, sugerindo uma origem comum (MARTINUS, 1996; JACOBS, 2012). Segundo Jacobs (2012), o papiamentu teria surgido a partir do crioulo falado na ilha de Santiago, situada no arquipélago de Cabo Verde, sendo mais tarde transplantado, juntamente com seus falantes, para a ilha de Curaçao.

Assim, dentro dessa temática, o presente estudo compara vocábulos do papiamentu e do kabuverdianu¹ com os objetivos de: (i) observar se existem similaridades e (ii) verificar em que aspectos as duas línguas diferem, buscando elaborar um padrão das mudanças. Para a consecução desses objetivos, foi formado um *corpus* do papiamentu (doravante PAP) com palavras de étimo ibérico extraídas de Maduro (1953a, 1953b, 1966a, 1966b, 1966c), compiladas por Freitas (2012). Em seguida, esses vocábulos foram comparados com os seus correspondentes em kabuverdianu (doravante CV) (cf. BRÜSER et al., 2002).

Essa pesquisa justifica-se na medida em que permitirá aumentar o conhecimento sobre os aspectos compartilhados pelas duas línguas, o que pode apontar para uma origem comum, favorecendo uma das hipóteses acerca da gênese do papiamentu. Ademais, em uma perspectiva ampla, conhecendo-se os primórdios da formação do papiamentu, será possível entender melhor os processos de formação das línguas crioulas em geral.

O texto foi organizado da seguinte forma: a primeira seção discute a relação do papiamentu com o kabuverdianu, aspecto já apontado por estudos anteriores; em seguida, trata-se dos materiais e métodos subjacentes à realização deste estudo; a terceira seção é dedicada à apresentação e discussão da análise dos dados; por fim, apresentam-se alguns resultados obtidos com este estudo.

O papiamentu e sua relação com o kabuverdianu

As similaridades entre o papiamentu e o kabuverdianu têm sido objeto de estudo de diversos estudiosos. De acordo com Jacobs (2012), o primeiro a falar dos traços portugueses e afro-portugueses no papiamentu foi Schuchardt (2009 [1882]), ao tratar do neger-holandês. Tratando do santome, crioulo de base portuguesa falado na ilha de São Tomé na África, o autor traz exemplos de correspondentes no kabuverdianu de Santiago e no papiamentu, o que demonstra as semelhanças existentes nas três línguas. Apesar da riqueza de dados (sobretudo tendo em vista a época em que o texto foi escrito), as reflexões de Schuchardt não tiveram eco nos estudos sobre o papiamentu. Anos mais tarde é que seus comentários sobre o papiamentu começam a ser considerados, havendo diversos estudiosos que tratam das relações entre o papiamentu e o kabuverdianu.

Defensor de uma origem espanhola para o papiamentu, Maduro (1987) escreve uma obra comparando o papiamentu e o kabuverdianu. Contudo, seu objetivo não é apontar similaridades, mas ressaltar as diferenças (segundo ele, enormes) entre as duas línguas, já que, para o autor, a hipótese de um proto-crioulo afro-português do qual as línguas crioulas derivariam é muito ingênua. Para Maduro, as diferenças entre o papiamentu e o kabuverdianu seriam tão grandes que culminariam em ausência de inteligibilidade, afastando a hipótese de as duas línguas serem relacionadas entre si. O argumento da ininteligibilidade, entretanto, é questionável, uma vez que há casos de línguas irmãs incompreensíveis entre si, como é o caso do angular, o santome e o lung'ie, o que demonstra que a inteligibilidade não é crucial para o parentesco linguístico. Ademais, em sua obra,

¹ Neste estudo, para nomear as línguas crioulas, optou-se por adotar a grafia usada dentro da própria língua (e não a grafia do português). Assim, as línguas são grafadas como papiamentu e kabuverdianu ainda que estas grafias não atendam às regras gerais do português.

Maduro não chega a discutir as diferenças entre o papiamentu e o kabuverdianu, limitando-se a apresentar quatro cartas em kabuverdianu e suas correspondentes em papiamentu.

Seguindo uma vertente diferente, que busca enfatizar as semelhanças, estão os estudos de Martinus (1996) e Jacobs (2012). No que tange à gênese dos crioulos, Martinus (1996) defende que as semelhanças entre os crioulos portugueses, encontradas especialmente no nível fonológico, seriam decorrentes das características do proto-crioulo afro-português (do qual todos os crioulos atlânticos supostamente descenderiam), com as diferenças se devendo às diversas línguas do substrato e aos vários padrões demográficos determinantes da influência das línguas de substrato e de superstrato. Especificamente ao papiamentu, o autor relaciona essa língua ao kabuverdianu, defendendo que a língua crioula surgida nas ilhas de Cabo Verde, a partir da relação entre os colonizadores portugueses e escravos africanos, foi levada anos mais tarde para Curaçao, dando origem ao papiamentu. Para sustentar essa hipótese de que o kabuverdianu e o papiamentu (e ainda o guineense) estão relacionados, Martinus (1996) traz comparações nos níveis fonético, morfológico e sintático que demonstram a ocorrência supostamente das mesmas mudanças na passagem do português para os crioulos, com o papiamentu compartilhando inclusive as alterações secundárias, exclusivas do crioulo kabuverdianu das diferentes ilhas, e aproximando-se ora das variedades de barlavento ora das de sotavento. Para o autor, as semelhanças são tão fortes que seria impossível negar uma origem comum para os três crioulos. A passagem do português /v/ para /b/ e a metátese, por exemplo, são alguns dos traços mais característicos compartilhados pelo papiamentu e pelo kabuverdianu (o que pode não ser apenas coincidência), conforme, respectivamente (i) português *ventear* – papiamentu **bencha**² / kabuverdianu *bentia* ‘abandar, escolher, catar’; (ii) português *dormir* – papiamentu **drumi** / kabuverdianu (variedade das ilhas de sotavento) *drumi* ‘dormir’ (MARTINUS, 1996). No nível sintático, é possível citar o uso do demonstrativo **es** ‘esse’, que, em papiamentu, deve estar seguido pelos advérbios de lugar **aki** ‘aqui’, **ei** ‘lá’, **aya** ‘lá (mais distante)’, remetendo, respectivamente, a ‘este’, ‘esse’ e ‘aquele’, e também o uso recorrente da voz passiva.

Para Jacobs (2012), a origem do papiamentu não estaria em Curaçao, mas no crioulo falado no século XVI na ilha de Santiago, no arquipélago de Cabo Verde, que foi levado para o Caribe pelos escravos. A grande diferença entre as abordagens de Jacobs (2012) e de Martinus (1996), que também vincula a gênese do papiamentu às ilhas caboverdianas, repousa no fato de este recorrer a um arcabouço monogenético (segundo o qual as línguas crioulas de base portuguesa teriam uma mesma origem). Jacobs (2012) discorda deste pressuposto, que, segundo ele, se apoia em bases fracas e não busca encontrar uma única protolíngua da qual os crioulos supostamente descenderiam.

A fim de sustentar sua hipótese, Jacobs (2012) recorre a dados de duas naturezas: linguísticos e históricos. Os aspectos linguísticos enfatizam a correspondência entre traços (sobretudo, no âmbito das palavras funcionais) do papiamentu e dos crioulos portugueses da Alta Guiné, remontando, inclusive à presença do português antigo (dos séculos XV e XVI) nessas línguas crioulas. Já os dados históricos salientam que o comércio de escravos da região da Alta Guiné para Curaçao permitiu a transferência da língua que deu origem ao papiamentu. Dentre esses dois conjuntos de dados, conforme mencionado pelo

² Os vocábulos do papiamentu e do kabuverdianu aparecem em sua grafia oficial, estando em negrito os do papiamentu e em itálico os do kabuverdianu.

próprio Jacobs (2012), os linguísticos são os que evidenciam mais fortemente a relação entre o papiamentu e os crioulos da Alta Guiné, devendo-se somente considerar os aspectos históricos em consonância com a evidência linguística. Os dados sócio-históricos, desse modo, ajudam a localizar os elementos linguísticos e estes, por seu turno, auxiliam a tornar o quadro histórico mais claro.

Em síntese, observa-se que alguns estudos, apoiando-se inclusive em registros históricos, já apontam relações entre o papiamentu e o kabuverdianu de tal significância que não poderiam ser atribuídas a desenvolvimentos paralelos. Desse modo, neste estudo, serão confrontados dados das duas línguas a fim de verificar se as similaridades de fato se fazem presentes.

Materiais e métodos

No âmbito teórico, este estudo considera a importância do contato entre línguas, que, por vezes, culmina no surgimento de uma língua crioula (HOLM, 2000). De forma geral, uma língua crioula surge a partir do contato de uma língua colonial/imperial (não necessariamente uma língua européia, nem a língua do colonizador) com múltiplas línguas sem que nenhuma dessas línguas emergja como uma língua franca. O quadro sócio-histórico que permite o surgimento de uma língua crioula é mais ou menos o seguinte (cf. ARAUJO, 2011): povos que falam diferentes línguas mutuamente ininteligíveis são agrupados – quase sempre à revelia – em um ambiente ‘ilha’, que pode ser uma ilha propriamente dita, uma fazenda que adota o esquema de *plantation* (havendo o isolamento dos povos subjugados), uma fortaleza, um barracão ou galpão (onde escravos são confinados), um quilombo (comunidades relativamente isoladas formadas por escravos que fugiam das fazendas), entre outros ambientes. Estando confinados em um mesmo lugar, esses povos logo percebem uma necessidade de comunicação, porém, nesse cenário multilíngue, nenhuma língua tem maioria ou prestígio suficiente para se tornar a língua principal. Diante disso, a língua da população dominante, em virtude de seu prestígio social e de seu poder econômico, acaba sendo escolhida para funcionar como uma língua veicular. Entretanto, além de a língua colonial apresentar um valor utilitário, não há muitas oportunidades de aprendê-la (até porque os povos colonizadores são demograficamente minoritários em relação aos colonizados), havendo, assim, uma transmissão linguística múltipla, envolvendo a transmissão da língua por falantes nativos para falantes da língua como segundo língua (L2) e por falantes de L2 para falantes de L2 e destes para as crianças. Esse processo, juntamente com os processos característicos de aprendizagem de uma L2, dá origem a uma nova língua. Essa língua emergencial passa a ser transmitida pelos falantes e as crianças que vão nascendo se tornam falantes nativas dessa nova língua. No momento em que ocorre a nativização dessa língua, é possível falar de uma língua crioula.

Quanto ao *corpus*, para a consecução deste estudo, foi utilizado o material compilado por Freitas (2012) a partir dos vocábulos de étimo ibérico (sobretudo português e espanhol) presentes nas obras de Maduro (1953a, 1953b, 1966a, 1966b, 1966c) (doravante *Lista Maduro*). Essa *Lista* traz um número considerável de palavras do vocabulário básico do papiamentu (2.118 vocábulos), sugerindo etimologias e fornecendo algumas informações sobre o uso desses vocábulos.

Após a etapa de seleção, os dados foram comparados com seus correspondentes em kabuverdianu, retirados do dicionário de Brüser et al. (2002). Dois aspectos foram

considerados no momento da comparação. Primeiro, se a palavra do papiamentu que aparecia na *Lista* se manteve no papiamentu moderno e da mesma forma (comparando com o dados da variedade moderna – FPI, 2009). Isso é relevante na medida em que, partindo do pressuposto de que o papiamentu teria se originado a partir do kabuverdianu, a variedade antiga do papiamentu deveria guardar mais semelhanças com o kabuverdianu do que a moderna. Além disso, considerou-se a classe a que a palavra pertencia (funcional ou lexical), já que, sendo as palavras funcionais menos suscetíveis de serem substituídas em virtude de sua opacidade semântica e por se tratarem de elementos que formam uma classe fechada, Jacobs (2012) defende que a predominância de palavras funcionais de étimo português no papiamentu (com formas iguais ou similares no kabuverdianu) seria uma prova de que o papiamentu seria um crioulo de base portuguesa e não espanhola e de sua relação com o kabuverdianu.

As transcrições fonéticas dos vocábulos do papiamentu foram obtidas em trabalho de campo realizado em Curaçao entre os meses de outubro e dezembro de 2011 e julho e agosto de 2013. Para as palavras do kabuverdianu, foram adotadas as realizações que aparecem em Brüser et al. (2002) com pequenas modificações, a saber:

- Emprego das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] em lugar das oclusivas palatais
- [ç] e [ʝ];
- Emprego da vibrante simples [r] em lugar da vibrante múltipla [r̄];
- Emprego da lateral velarizada em posição de coda (medial e final) [ɫ] em lugar de [l];
- Representação das vogais nasalizadas com o til, ao invés de colocar uma vogal oral seguida de consoante nasal. Caso fosse adotada tal representação, significaria dizer que a consoante nasal é pronunciada, o que não acreditamos ser o caso;
- Nas consoantes (pré-)nasalizadas, o elemento nasal aparece sobrescrito na transcrição fonética, e não no mesmo nível da consoante;

Depois de observar se o papiamentu e o kabuverdianu possuíam formas semelhantes, passou-se à elaboração de um quadro que deslindasse as mudanças regulares decorrentes de regras e padrões vigentes em cada uma das línguas.

Análise dos dados

Nesta seção, apresentam-se a análise e discussão de dados em duas subseções: (i) semelhanças nos vocábulos do papiamentu e do kabuverdianu; (ii) diferenças sistemáticas entre as palavras de étimo ibérico nas duas línguas.

Semelhanças lexicais entre o papiamentu e o kabuverdianu

Com a análise dos dados, constatou-se que, de fato, as duas línguas compartilham itens lexicais (às vezes com pequenas diferenças fonéticas decorrentes de regras e padrões diversos vigentes em cada uma das línguas), como se observa em (01):

- (01) **chuculati** [tʃuku'lati] (PAP) – *xukuláti* [ʃuku'lati] (CV) ‘chocolate’;
mintira [mĩ'tira] (PAP) – *mintira* [mĩ'tirɐ] (CV) ‘mentira’;
dede ['dede] (PAP) – *dédu* ['dɛdu] (CV) ‘dedo’;
lechi ['letʃi] (PAP) – *leti* ['leti] (CV) ‘1. dormir, 2. adormecer’;
olefante [ole'fãte] (PAP) – *lifãnti* [li'fãti] (CV) ‘elefante’.

Em alguns casos, a forma encontrada na *Lista Maduro*, semelhante àquela encontrada em kabuverdianu, não é mais usada no papiamentu moderno, sendo substituída, em geral, por uma palavra de étimo espanhol. Isso demonstra que provavelmente a variedade antiga era mais semelhante do kabuverdianu do que é atualmente. Alguns exemplos em desuso (ou em uso muito restrito) no papiamentu moderno aparecem em (02):

- (02) **fika** ['fika] (PAP) – *fika* ['fikɐ] (CV) ‘ficar’;
frijji ['friʒi] (PAP) – *frixi* ['friʃi] (CV) ‘crepitar, frigir’;
lansó [lã'so] (PAP) – *lansól* [lã'sɔʔ] ~ *lensól* [lẽ'sɔʔ] (CV) ‘lençol’;
zjanta ['ʒãta] (PAP) – *djãnta* ['dʒãtɐ] ~ *jãnta* ['ʒãtɐ] (CV) ‘jantar (verbo)’;
zjuzjum [ʒu'ʒũ] (PAP) – *jijun* [ʒi'ʒũ(ŋ)] ~ *jejun* [ʒe'ʒũ(ŋ)] ~ *jujun* [ʒu'ʒũ(ŋ)] (CV) ‘jejum’.

Em papiamentu moderno, as palavras em (2) foram substituídas, respectivamente, por **keda**, **rostu/hasa**, **laken/laker**, **kome**, **yunamentu**.

A semelhança no vocabulário se dá também no âmbito das palavras funcionais, como se vê em (03). O fato de as duas línguas compartilharem diversos vocábulos gramaticais seria um indicativo de que elas têm a mesma origem, sendo o papiamentu uma língua de base portuguesa (JACOBS, 2012).

- (03) **aínda** [a'ĩda] ~ **eínda** [e'ĩda] ~ **índa** [ĩda] (PAP) – *ainda* [ɛ'ĩdɐ] ~ *inda* [ĩdɐ] (CV) ‘ainda’;
bo ['bo] (PAP) – *bo* ['bo] (CV) ‘pronomes de 2ª pessoa do singular’;
di [di] (PAP) – *di* [di] (CV) ‘de’;
unda [ũda] (PAP) – *undi* [ũdi] (CV) ‘(a)onde’;
den [dẽ] ~ **denter** [dɛtɛr] (PAP) – *dentu* [dɛtu] ~ *déntu* [dɛtu] (CV) ‘dentro’.

Observaram-se ainda casos em que as duas línguas diferem pelo fato de o papiamentu possuir uma forma proveniente (sobretudo) do espanhol e o kabuverdianu ter uma forma do português, o que ilustra a hispanicização que vem ocorrendo na língua caribenha:

- (04) **aleu** [a'lew] (< espanhol *lejos*) (PAP) – *lonji* [lõʒi] (< português *longe*) (CV) ‘longe’;
amber [ãbɛr] (< espanhol *hambre*) (PAP) – *fómi* [fõmi] (< português *fome*) (CV) ‘fome’;
kaya [kaja] (< espanhol *calle*) (PAP) – *rua* [rɔɐ] (< português *rua*) (CV) ‘rua’;
bentana [bẽ'tana] (< espanhol *ventana*) (PAP) – *janéla* [ʒɛ'nɛlɐ] ~ *jinéla* [ʒi'nɛlɐ] (< português *janela*) (CV) ‘janela’.

Foram encontrados ainda casos em que o vocábulo aparece somente em papiamentu. Em geral, essas palavras são empréstimos do espanhol e, em alguns casos, se referem a bens materiais específicos da cultura curaçolense³:

- (05) **africanchi** [afri'kātʃi] ‘estapélia, flor-estrela, planta-carniça (*Stapelia*)’;
arepita [are'pita] ‘tipo de comida feita com uma massa de milho moído e que pode ter diferentes recheios como carne, queijo, entre outros’;
badjaga [ba'dʒaga] ‘espécie de formiga grande’;
kadushi [ka'duʃi] ‘cacto’;
funchi [fũtʃi] ‘comida feita com fubá de milho’;
mabi [mabi] ‘tipo de bebida feito com casca de uma planta (*Colubrina reclinata*)’.

Em síntese, foi possível perceber que o papiamentu e o kabuverdianu de fato apresentam similaridades no seu vocabulário, inclusive no âmbito das palavras funcionais. As semelhanças são tão grandes que não podem ser atribuídas ao acaso ou a desenvolvimentos paralelos. Constatada a similaridade, passa-se à discussão de algumas diferenças sistemáticas entre as duas línguas decorrentes de estruturas gramaticais diversas.

Padrões de mudanças nas duas línguas

Nas palavras de étimo português, as diferenças entre as duas línguas em geral são sistemáticas, devido aos seus padrões e regras diversos. Pode-se observar um quadro de mudanças gerais, como se observa nos seguintes contextos, entre outros:

(i) **a tonicidade dos verbos com mais de duas sílabas** é diferente nas duas línguas, tendo-se palavras oxítonas em papiamentu e paroxítonas em kabuverdianu:

- (06) **arnegá** [arne'ga] (PAP) – *ranega* [ra'negə] ~ *renega* [re'negə] (CV) ‘renegar’;
kunsumí [kũsu'mi] (PAP) – *konsumi* [kõ'sumi] (CV) ‘consumir’;
examiná [eksami'na] (PAP) – *izamina* [izə'minə] (CV) ‘examinar’;
mehorá [meho'ra] ~ **mihorá** [miho'ra] (PAP) – *midjora* [mi'dʒorə] (CV) ‘melhorar’.

De acordo com Jacobs (2012), a análise de textos do *papiamentu antigo* (de 1775 a 1928) sugere que todos os verbos da língua, e não apenas os dissílabos, eram paroxítonos (como no kabuverdianu de Santiago), sendo mais ou menos recente (provavelmente do século XX) a mudança do padrão acentual (de paroxítono para oxítono) dos verbos com mais de duas sílabas. Essa assertiva deve ser verificada com mais detalhes, parecendo de difícil comprovação. Martinus (1996), por seu turno, defende que originalmente os verbos dissílabos também eram oxítonos, situação encontrada nos demais crioulos de base portuguesa. Ele advoga que a mudança no acento desses verbos pode ter ocorrido por influência do holandês, já que, nessa língua, os verbos geralmente são acentuados na primeira sílaba à esquerda. É possível conjecturar ainda uma explicação mais plausível:

³ Certamente, deve-se encontrar o mesmo cenário (ocorrência de vocábulos específicos remetendo à cultura) em kabuverdianu.

com a perda do -r final, o papiamentu pode ter optado por um padrão acentual troqueu moraico e, por isso, o acento final tornou-se paroxítono.

(ii) *a terminação <do> de adjetivos e participios deverbais e o sufixo -eiro* sofrem apócope em papiamentu, mas se mantêm em kabuverdianu:

- (07) **bandoná** [bãdõ'na] (PAP) – *bandonádu* [bẽdo'nadu] (CV) ‘abandonado’;
fòrsá [fõr'sa] (PAP) – *forsádu* [for'sadu] (CV) ‘forçado, coagido’;
pèrdí [pẽr'di] (PAP) – *perdidu* [pẽr'didu] (CV) ‘desaparecido, perdido’;
prohibí [prohi'bi] (PAP) – *proibidu* [proi'bidu] (CV) ‘proibido, vetado’.
- (08) **karné** [kar'ne] (PAP) – *karneru* [kær'neru] (CV) ‘carneiro, ovelha (*Ovis aries* L.)’;
karpinté [karpĩ'te] (PAP) – *karpinteru* [kærpĩ'teru] (CV) ‘carpinteiro’;
chiké [tʃi'ke] (PAP) – *txikeru* [tʃi'keru] ~ *txitxeru* [tʃi'tʃeru] (CV) ‘chiqueiro, pocilga’;
sapaté [sapa'te] (PAP) – *sapateru* [sæpə'teru] (CV) ‘sapateiro’

Embora, em geral, as terminações **-do** e **-eru** sejam apagadas no papiamentu, há alguns poucos casos em que tais sufixos se mantêm, como em **skezidu** [skeɰzidu] ‘esquecido, desatento’, **malagradesidu** [malagrade'sidu] ‘mal-agradecido, ingrato’,⁴ **labadera** [laba'dera] ‘lavadeira’ e **kompañero** [kõpã'nero] (variante de **kompañé**) ‘companheiro, camarada, colega’. Deve-se notar o uso de **-era**, único caso em todo o *corpus*, uma vez que o papiamentu, em geral, não apresenta distinção de gênero nos nomes, possuindo uma única forma para ambos os sexos.

Ademais, no tocante à terminação **-do**, observou-se que ela sofreu apagamento mesmo quando não se tratava de adjetivos deverbais, atingindo também nomes, como **marí** [ma'ri] ‘marido, esposa’, **piká** [pi'ka] ‘pecado’ e **sintí** [sĩ'ti] ‘sentido, pensamento, senso’.

(iii) *prótese de [h]* no começo da palavra em papiamentu, com a manutenção da vogal inicial em kabuverdianu:

- (09) **abri** ['abri] ~ **habri** ['habri] (PAP) – *abri* ['ɛbri] (CV) ‘abrir’;
asa ['asa] ~ **hasa** ['hasa] (PAP) – *ása* ['asɛ] (CV) ‘assar’;
incha ['ĩtʃa] ~ **hincha** ['hĩtʃa] (PAP) – *intxa* ['ĩtʃɛ] (CV) ‘inchar, distender’;
onra ['õra] ~ **honra** ['hõra] (PAP) – *onra* ['õrɛ] (CV) ‘honrar, homenagear’.

No papiamentu moderno, predomina a variante iniciada por consoante (contudo, a forma iniciada por vogal mantêm-se em alguns registros). Segundo Andersen (1974), essa inserção é comum em palavras iniciadas por vogal. Já Maduro (1991) considera tal processo uma espécie de inovação, indesejável para um ‘bom’ papiamentu (esse autor possuía uma visão normativa da língua).

(iv) *o [v] do português em geral é substituído por [b]* tanto no papiamentu, como no kabuverdianu. Jacobs (2012) chega a afirmar que nos primórdios da formação dessas

⁴ No papiamentu moderno, hoje aparece **malagradesí**, e em lugar de **skezidu**, prefere-se **lubidadó**.

línguas, o [v] (bem como as fricativas sonoras [ʒ] e [z]) não estava presente como o fonema.⁵ Observa-se, contudo, em alguns casos, a presença de [b] no papiamentu, enquanto no kabuverdianu aparece [v] (às vezes variando com [b]) – como se observa em (10).

- (10) **abestrús** [abes'trus] (PAP) – *avistrus* [əvis'trus] (CV) ‘avestruz’;
kombitu [kõ'bitu] (PAP) – *konviti* [kõ'viti] (CV) ‘convite’;
yabi ['jabi] (PAP) – *txábi* ['tʃabi] ~ *xávi* ['ʃavi] (CV) ‘chave’;
balente [ba'lête] (PAP) – *balenti* [bɛ'lêti] ~ *valenti* [vɛ'lêti] (CV) ‘valente, corajoso’.

Uma possível explicação para essa diferença poderia ser o fato de o kabuverdianu ainda estar em contato com o português (bastante falado no arquipélago de Cabo Verde e tendo o estatuto de língua oficial), o que permitiu uma maior influência do lexificador e a entrada do [v] na língua. Há inclusive uma diferença entre o “crioulo leve” (mais semelhante ao português) e o “crioulo fundo” (que possui estruturas mais particulares e diferentes do português).

Apesar dessa tendência de o kabuverdianu conservar o [v], há casos em que tanto o papiamentu quanto o kabuverdianu têm [b] – exemplos (11) – e ainda exemplos em que, no papiamentu, a palavra é com [v] e, no kabuverdianu, há alternância entre [b] e [v], exemplos (12). Ademais, foi encontrado um caso em que o papiamentu opta pelo [v] e o kabuverdianu, por [b] – exemplo (13).

- (11) **komersá** [kõber'sa] (PAP) – *konbersa* [kõ'bersɛ] (CV) ‘conversar’;
kombidá [kõbi'da] (PAP) – *konbida* [kõ'bidɛ] ~ *kunbida* [kũ'bidɛ] (CV) ‘convidar’;
berdura [ber'dura] (PAP) – *berdura* [ber'durɛ] (CV) ‘verdura, vegetal, legume’.
- (12) **vaporá** [vapo'ra] (PAP) – *vapora* [vɛ'porɛ] ~ *bapora* [bɛ'porɛ] (CV) ‘evaporar(-se)’;
venená [vene'na] (PAP) – *benena* [be'nenɛ] ~ *nbenena* [ˈnbe'nenɛ] ~ *venena* [ve'nenɛ] (CV) ‘envenenar’;
venenu [ve'nenu] (PAP) – *benénu* [be'nenu] ~ *venénu* [ve'nenu] (CV) ‘veneno’.
- (13) **travesá** [trave'sa] (PAP) – *trabesa* [trɛ'besɛ] (CV) ‘atravessar’.

Esses dados demonstram que o uso de [b] ou [v] nas duas línguas não é algo categórico, estando aberto à variação.

(v) o **sufixo -mentu** foi mais recorrente nos dados do papiamentu, havendo casos em que, no kabuverdianu, aparecia somente o verbo, e ainda exemplos em que o papiamentu possui uma forma com **-mentu** e o kabuverdianu, um vocábulo diferente, como se observa em (14):

⁵ Segundo Jacobs (2012), pelo menos na porção mais basilar e antiga do vocabulário dessas línguas, as fricativas sonoras seriam rejeitadas, havendo constantemente o desvozeamento das consoantes etimológicas /ʒ/ e /z/ ([ʒ] > [ʃ]; [z] > [s]) e a plosivização do /v/ ([v] > [b]) (no caso dessa fricativa, ainda que não mencionado por Jacobs (2012), é possível também haver o desvozeamento ([v] > [f])). Essa afirmação de Jacobs deve ser analisada com mais detalhes, visto que uma análise preliminar mostra que, na grafia do papiamentu clássico (ARAUJO, 2011; FREDERIKS; PUTMAN, 2004 [1859]), essas consoantes se fazem presentes, como, por exemplo em **goza** ‘gozar, usufruir, desfrutar, divertir(-se)’ e **favoresé** ‘favorecer’.

- (14) **abrimentu** [abri'mêtu] ~ **habrimentu** [habri'mêtu] (PAP) – *abertura* [ɐber'turɐ] (CV) ‘abertura’;
maltratamentu [małtrata'mêtu] (PAP) – *maltrátu* [mɐł'tratu] (CV) ‘grossaria, maus tratos’
skirbimentu [skirbi'mêtu] (PAP) – *skrita* ['skrite] (CV) ‘escrita, letra’;
renobamentu [renoba'mêtu] (PAP) – *ranobason* [ɾenobe'sõ(ŋ)] ~ *ranovason* [ɾenove'sõ(ŋ)] (CV) ‘renovação’.

Entretanto, não se deve pensar que o kabuverdianu não faz uso do sufixo *-mentu*, já que foram encontrados exemplos em que esse sufixo é usado, como se vê em (15):

- (15) **meresementu** [merese'mêtu] (PAP) – *meresimentu* [meresi'mêtu] (CV) ‘mérito, merecimento’;
nasementu [nase'mêtu] (PAP) – *nasimentu* [nesi'mêtu] (CV) ‘nascimento’;
pensamentu [pêsa'mêtu] (PAP) – *pensamentu* [pêse'mêtu] (CV) ‘pensamento’;
tratamentu [trata'mêtu] (PAP) – *tratamentu* [trɛtɐ'mêtu] (CV) ‘tratamento’.

Quanto à produtividade desse sufixo, Bandeira (2013) mostra que, em papiamentu, são encontrados tanto casos de palavras que já entraram na língua formadas, com o sufixo, por existir uma palavra semelhante na língua fonte, quanto exemplos de vocábulos que são criados no papiamentu, com a adjunção do sufixo a uma base verbal, inclusive verbos de étimo não ibérico (holandês e inglês). Conclusão semelhante é apontada por Jacobs (2012), para quem a classe dos substantivos formados a partir da adição de **-mentu** às bases verbais é potencialmente aberta. Já em kabuverdianu, segundo Jacobs (2012), esse sufixo é menos produtivo, o que pode ser explicado pelo fato de essa língua ter incorporado outros morfemas derivacionais do português e também usar muitas formações irregulares provenientes do superstrato (como se observa nos dados em (14)).

(vi) *para alguns nomes e adjetivos, o kabuverdianu tem uma forma para masculino e outra para feminino* (ainda que a forma de masculino também possa ser usada com pessoas do sexo feminino), ao passo que em papiamentu, há uma única forma. Geralmente, essa variação no kabuverdianu aparece mais no “crioulo leve” e provavelmente o contato com o português seja o responsável por essa interferência.

- (16) **pretu** ['pretu] (PAP) – *prétu* ['pretu] e *préta* ['prɛtɐ] (CV) ‘preto, preta’;
ñetu ['ɲetu] (PAP) – *nétu* ['netu] e *néta* ['netɐ] (CV) ‘neto, neta’;
bon ['bõ] (PAP) – *bon* ['bõ(ŋ)] e *boa* ['boɐ] (CV) ‘bom, boa’;
porko ['porko] (PAP) – *porku* ['porku] e *pórka* ['pɔrkɐ] (CV) ‘porco, porca’.

Dentre os dados em (16), chama a atenção o exemplo do kabuverdianu *bon* e *boa*, em que a diferença entre o masculino e o feminino não é apenas a vogal final ([o] e [a]), mas também a nasalidade, presente apenas na forma de masculino.

(vii) *o [z] do português*, em geral, é dessonorizado no papiamentu em geral ([z] > [s]), ao passo que se mantém no kabuverdianu, havendo, nesta língua, muitos casos de variação entre [s] e [z]:

- (17) **gosa** ['gosa] (PAP) – *goza* ['gozɐ] (CV) ‘gozar (1. desfrutar, 2. zombar)’;
kasamentu [kasa'mêtu] (PAP) – *kasamentu* [kɛsɐ'mêtu] ~ *kazamentu* [kezɐ'mêtu] (CV) ‘casamento’;

pisa ['pisa] (PAP) – *peza* ['peze] ~ *pesa* ['pesə] (CV) ‘pesar’;
pobresa [po'bresa] (PAP) – *pobréza* [po'breze] ~ *pobrésa* [po'bresə] (CV) ‘pobreza’.

Essa passagem de [z] para [s] em papiamentu seria decorrente da restrição da língua às fricativas sonoras (JACOBS, 2012). Contudo, não se deve pensar que o papiamentu não possui o [z], sempre substituindo-o por [s], uma vez que esse fonema aparece em palavras da variedade clássica (como mencionado na nota 2) e também se fez presente nos dados da *lista Maduro*:

(18) **lizu** ['lizu] (PAP) – *lizu* ['lizu] ~ *lisu* ['lisu] (CV) ‘liso’;
prizon [pri'zõ] (PAP) – *prizon* [pri'zõ(ŋ)] (CV) ‘prisão’.

Foi possível observar ainda, em algumas palavras, variação entre formas com [s] e [z], como em **razu** ['rasu] ~ ['razu] ‘enfurecido, em frenesi, com muita raiva, rebelde’ e **usa** ['usa] ~ ['uza] ‘usar’, com uma maior preferência pelas formas com [s].

(viii) *o papiamentu sofre metátese na sílaba final*, desfazendo o cluster, o qual se mantém em kabuverdianu. O fato de não haver restrição quanto à ocorrência de clusters com o -r como segundo membro em papiamentu (sendo documentadas, em posição de onset, as combinações /pr, br, tr, dr, kr, gr, fr, vr/) sugere que outra regra deve estar em jogo, talvez com relação à ocorrência de clusters com o -r como segundo elemento na sílaba final, que não seriam permitidos na língua.⁶

(19) **komader** [ko'madər] (PAP) – *kumádri* [ku'madri] ~ *kumá* [ku'ma] (CV) ‘comadre’;
liber ['libər] (PAP) – *libri* ['libri] ~ *livri* ['livri] (CV) ‘livre’;
semper ['sɛpər] (PAP) – *sénpri* ['sɛpri] (CV) ‘sempre’;
tiger ['tigər] (PAP) – *tigri* ['tigri] (CV) ‘tigre’.

Conclusões parciais

Em suma, com este estudo, pôde-se perceber que o vocabulário das duas línguas é realmente semelhante. As similaridades não se encontram apenas no nível lexical (como **dede** (PAP) e *dédu* (CV) ‘dedo’), mas aparecem também nas palavras funcionais, a exemplo de **unda** (PAP) e *undi* (CV) ‘(a)onde’. O fato de grande parte dos itens funcionais do papiamentu ser de étimo português e ser parecido ao kabuverdianu sugere uma origem comum entre as duas línguas e ainda que o papiamentu é um crioulo de base portuguesa.

Foram encontrados ainda casos em que as duas línguas possuem vocábulos derivados de étimos diferentes: espanhol no papiamentu e português no kabuverdianu. Esse cenário mostra que o kabuverdianu se aproxima mais do português do que o papiamentu, que possui influências das outras línguas com as quais está em contato, como o espanhol. Ademais, o fato de algumas palavras da *lista Maduro* semelhantes àsquelas do kabuverdianu não serem mais usadas na variedade moderna revela que, em uma fase anterior, o papiamentu era mais semelhante ao kabuverdianu.

⁶ De fato, dentre os clusters mencionados por Kouwenberg e Murray (1994) como possíveis de ocupar a posição de coda, não aparece nenhum que tenha o -r como segundo elemento.

Quanto às diferenças entre o papiamentu e o kabuverdianu, foi possível observar que, em geral, elas são sistemáticas e decorrem de diferentes regras e restrições vigentes nas duas línguas. É o caso, por exemplo, do padrão acentual dos verbos com mais de duas sílabas (oxítonos em papiamentu e paroxítonos em kabuverdianu), como **examiná** (PAP) e *izamina* (CV) ‘examinar’; e da terminação <do> de adjetivos e participios deverbais, apagada em papiamentu e mantida em kabuverdianu: **fòrsá** (PAP) e *forsádu* (CV) ‘forçado, coagido’.

Em suma, com este estudo, notou-se que o papiamentu e o kabuverdianu realmente possuem diversas similaridades, que sugerem uma origem comum. Com a análise de um maior número de dados, englobando inclusive as sincronias pretéritas, será possível lançar maiores luzes sobre o debate acerca da origem do papiamentu.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Gabriel Antunes de. *Três textos em papiamentu clássico*. 2011. 281f. Tese de livre-docência para obtenção do título de professor-associado – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BANDEIRA, Manuele. *A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno*. 2013. 245f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BRÜSER, Martina et al. *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português*, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos (Cabo Verde), com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direção de Jürgen Lang. Tübingen: Narr, 2002. 889 p.
- CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. CBS. First results census 2011 – Curaçao. Antilhas Holandesas. Curaçao, 2012. Disponível em: <<http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-20121023105057.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2012.
- FUNDASHON PA PLANIFIKASHON DI IDIOMA. FPI. *Ortografia e Lista di Palabra Papiamentu* – Buki di oro. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma, 2009. 304 p.
- FREDERIKS, Bernardus Th.; PUTMAN, Jacobus Josephus. *Woordenlijst der in de landstaal van Curaçao meest gebruikelijke woorden met Zamenspraken*. Fac-símile. Bloemendaal/Curaçao: Stichting Libri Antilliani/Fundashon pa Planifikashon di Idioma, 2004 [1859]. 160 p.
- FREITAS, Shirley. *Processos fonológicos no léxico ibérico em papiamentu: a Lista Maduro*. Universidade de São Paulo, Relatório apresentado à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo 2010/14252-3). 2012. 449 p.
- HOLM, John. *An Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- JACOBS, Bart. *Origins of a creole: the history of papiamentu and its african ties*. Coleção Language contact and bilingualism. New York: Walter de Gruyter. Ph.D. Thesis: University of Munich, 2012. 387 p.
- MADURO, Antonie Johannes. *Ensayo pa Yega na un Ortografia Uniforme pa nos Papiamentu*. Willemstad: Edição do autor, 1953a. 139 p.
- _____. *Suplemento di Vocabulario Etimológico (Capítulo X) di Ensayo pa Yega na un Ortografia Uniforme pa nos Papiamentu*. Willemstad: Edição do autor, 1953b. 18 p.

_____. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan I (Letter A te M)*. Willemstad: Edição do autor, 1966a. 48 p.

_____. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan II (Letter N te ZJ)*. Willemstad: Edição do autor, 1966b. 58 p.

_____. Vocabulário pa un Estudio Comparativo. In: _____. *Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan II (Letter N te ZJ)*. Willemstad: Edição do autor, 1966c. p. 59-72.

_____. *Kaboverdiano i Papiamentu*. Curaçao: Maduro & Curiel's Bank, Boekhandel Salas i Antoine J. Maduro, 1987. 22 p.

MARTINUS, Frank. *The kiss of a slave: Papiamentu's West African connections*. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam, 1996. 292 p.

SCHUCHARDT, Hugo. On the creole portuguese of São Tomé (West Africa). Tradução de Tjerk Hagemeijer e John Holm. In: HOLM, John; MICHAELIS, Susanne (Ed). *Contact languages. Critical Concepts in Language Studies*. vol. 1. Londres e Nova York: Routledge, 2009 [1882]. p. 131-156.